

**MARACATU DE BAQUE SOLTO DENTRO DO PROCESSO DE LETRAMENTO
CULTURAL DOS SEUS BRINCANTES EM NAZARÉ DA MATA - PE**

***MARACATU DE BAQUE SOLTO WITHIN THE CULTURAL LITERACY PROCESS
OF ITS PLAYERS IN NAZARÉ DA MATA - PE***

Lianderson dos Santos Gonçalves¹

Eduardo Augusto de Santana²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo demonstrar a importância sócio-histórica vinculada às comunidades de maracatu em baque solto de Nazaré da Mata. Para tal, buscou-se discutir o contexto histórico em que se deu a formação do território da Mata Norte de Pernambuco e a sua população, possibilitando compreender como no período entre 2001 e 2011, recortes considerados pelo presente estudo ocorreram incentivos que resultaram na criação de diversos maracatus do município. Considerando como marcos a criação do maracatu de Baque Solto Estrela Brilhante e a promulgação da lei municipal nº14.383, na qual a cidade recebeu o título de “Capital Estadual do Maracatu”.

Palavras chaves: cultura; decolonialismo; Maracatu de baque solto; memória.

ABSTRACT

The aim of this paper is to demonstrate the socio-historical importance of the maracatu communities in Nazaré da Mata. In order to do this, we sought to discuss the historical context in which the territory of Mata Norte de Pernambuco and its population were formed, making it possible to understand how, in the period between 2001 and 2011, the period considered in this study, there were incentives that resulted in the creation of various maracatus in the municipality. The milestones were the creation of the maracatu de Baque Solto Estrela Brilhante and the enactment of municipal law 14.383, in which the city was given the title of "State Capital of Maracatu".

Key words: culture; decolonialism; Maracatu de baque solto; memory.

1. INTRODUÇÃO

O Maracatu é uma prática cultural típica do estado de Pernambuco, dividindo-se em dois folguedos distintos que apresentam especificidades únicas, o maracatu de baque virado (nação) e o maracatu de baque solto (rural). Mostrando-se diferentes desde o momento de sua formação, seu contexto histórico e a forma que realizam os seus festejos.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco campus Mata Norte; E-mail: liandersondosantos000@gmail.com

² Orientador e Professor Visitante do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco campus Mata Norte; professor Substituto de História do Instituto Federal de Pernambuco campus Vitória de Santo Antão. E-mail: historiador.eduardosantana@gmail.com

O maracatu de baque solto relaciona-se ao contexto sócio histórico no qual estão situadas suas comunidades. Marcado por seu passado, em que as práticas canavieira e escravista se deram de maneira acentuada. Tendo como centro a América Portuguesa, um dos primeiros locais que realizou a produção da cana-de-açúcar de forma intensa, sendo esta hoje conhecida como a Zona da Mata pernambucana (Santana, 2023).

Nesse contexto, observou-se o desenvolvimento de diversos grupos sociais, dentre esses foram destacados dois: uma elite econômica, conhecida enquanto senhores de engenho, pequena camada detentora de enorme prestígio social. Ademais, os escravizados mostraram-se expressivos em relação numérica, no entanto eram escassos os recursos dessa população. E mesmo após a promulgação da lei áurea no ano de 1888, que daria liberdade a estes indivíduos, poucas foram às mudanças efetivas nas vivências desses habitantes ligadas ao trabalho braçal nos canaviais (Medeiros, 2003).

Tendo a Zona da Mata Norte como reduto destes trabalhadores, observa-se a formação de diversos folguedos formados por essa camada social, que adquire uma intenção política pela permanência de suas individualidades negras e indígenas. Os saberes ancestrais desses povos durante muito tempo foram obrigados a se adaptarem, através de um processo de imposição sofrido por essas populações, reformulando assim sua construção identitária, mecanismo que atualmente conhecemos como acultramento (Brusantin, 2009).

Dentro dessas atividades culturais, o Maracatu de baque solto ganha força enquanto símbolo cultural de Pernambuco, trazendo o caboclo de lança como sua figura central, por representar as potencialidades dos que a fazem (Araújo, Moura e Santos, 2021). Tendo o ápice das apresentações no período de carnaval, momento este no qual as agremiações saem às ruas nas cidades da Mata Norte, Recife e região colorindo e musicalizando suas realidades.

Essa forma de produzir novos saberes é intrínseco ao processo decolonial³, perspectiva a qual busca outras formas de produção de conhecimento diferentes das concebidas na episteme eurocêntrica, já que as:

³ O termo “decolonialismo” é uma escola de pensamento, que busca uma praxe que tem por vista a construção de novos padrões, conceitos e conhecimentos a partir da perspectiva dos subalternizados, dissonante dos padrões impostos pela modernidade/colonialidade, como destacado por Joaze Costa (2018).

[...] agulhas, lantejoulas, giz e veludos, os caboclos fazem uso de outras gramáticas, outros valores, outra ética, outros símbolos e significados. Novas possibilidades de mundo são gestadas como potências e precisam ser creditadas. (Araújo; Moura; Santos, 2021, p.42).

A partir dessa visão este trabalho tem como foco principal a atividade de maracatu de baque solto na cidade de Nazaré da Mata no período de 2001 a 2011, momento este que é observado um aumento no número de agremiações na região, estabelecendo como marcos a criação do Maracatu Estrela Brilhante e o título recebido pelo município de “Capital Estadual do Maracatu”.

Utiliza-se de uma metodologia qualitativa, tendo como base de pesquisa fontes primárias, sendo estas: revistas eletrônicas, plataformas digitais e coleta de dados por meio de fotografias e entrevistas de integrantes do maracatu de baque solto. A pesquisa realizada teve autores como Carlos Moura, Mario Santos, Roseana Medeiros e Sandra Araújo, para a análise e compreensão de aspectos das vivências sociais que se entrelaçam com as práticas dos brincantes. Ademais, foi de suma importância para a construção do presente trabalho a utilização de fontes orais de realizadores desta atividade cultural, para a compreensão aprofundada da temática em questão.

O emprego de imagens iconográficas tem uma grande importância dentro do presente texto, válidas enquanto fonte documental para a interpretação e investigação de seus significados, seu contexto, suas sensações e emoções por elas projetadas, como afirmado por Sandra Pesavento (2013).

O método utilizado tem a função de dar luz às questões postas em jogo, verificando como a participação dos integrantes e os investimentos de órgãos públicos resultaram no aumento no número de maracatus e o reconhecimento do folguedo como patrimônio cultural da cidade.

2. A MONOCULTURA AÇUCAREIRA E O TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS

Desde a chegada dos portugueses no século XVI, a cana-de-açúcar foi um importante catalisador das relações de poder, trabalho e cultura no que hoje chamamos de Nordeste brasileiro. Linearmente o processo se deu por meio da tomada das terras dos povos nativos e sua posterior oferta para dar início às faixas agricultáveis (Pinsky, 1992).

Coordenadamente o transplante deste produto se deu a partir de experiências anteriores bem-sucedidas em ilhas do Atlântico como: a Ilha da Madeira, Cabo

Verde, São Tomé e Príncipe, destacando assim um conhecimento prévio sobre o cultivo, processamento e distribuição no mercado europeu, como apontado por Eduardo Santana (2014, p.), permitindo assim que se tornasse uma obra econômica intensamente explorada ao longo dos séculos XVI e XVII.

Os vultosos lucros obtidos através da monocultura canavieira favoreceram o surgimento de uma elite local, os donos de engenho, que obtinham prestígio social. No entanto, observou-se que as lavouras careciam de numerosa mão de obra para realizar o trabalho que as atividades exigiam. James Pinsky destaca como: “A complexidade e mesmo a diversidade das atividades de um engenho exigiam um número bastante expressivo de braços” (Pinsky, 1996, p.18).

Como resultado, abriu-se assim espaço para um dos mais rentáveis comércios no período, que já era utilizado em outras partes do mundo, o tráfico de cativos. Inicialmente recorreu-se à atualização do trabalho manual indígena e posteriormente a de africanos escravizados. Essa força motriz era responsável por diversas funções como o preparo, trato do solo e colheita, tendo a primeira metade do século XVI como período de início deste grande comércio, segundo Rafael Marques (2006).

Esse tipo de mercado trouxe para a colônia portuguesa milhares de seres humanos que foram desgarrados de suas localidades originárias. A coroa se destacou pela quantidade nos números de escravizados traficados.

A utilização dessa mão de obra humana transformou a realidade da localidade e se mostrou indispensável aos senhores de engenho. O estudioso André Antonil sustenta que: “Os escravos são as mãos e os pés do senhor do engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente” (Antonil, 2008, p.83).

Por consequência da dinâmica que se estabeleceu nesta parte do mundo, a cana de açúcar tomou então lugar central no plantio e no espaço geográfico da região e o tráfico de cativos tendo o nordeste como principal destino. Assim como afirmado por Gilberto Freyre, “Há quatro séculos que o massapé puxa para dentro de si pontas de canas, pés dos homens [...]” (Freyre, 2004, p.46) apresentando quase que indissociáveis a relação entre escravizados e o canavial.

3. A ZONA DA MATA E A FORMAÇÃO DOS FOLGUEDOS

A produção econômica de Pernambuco mostrou-se distinta de acordo com suas sub-regiões, apresentando diferentes produtos centrais de acordo com seus aspectos físicos e climáticos. É possível observar a seguinte divisão: a Zona da Mata, tendo a fabricação de açúcar; o Sertão, a criação de gado; o Agreste, com uma manufatura diversificada, como destacado por Flávio Versiani (2016).

A Zona da Mata pernambucana se desenvolveu à sombra dos engenhos e fazendas de cana de açúcar. O crescimento do seu núcleo urbano primitivo se baseou na necessidade de suprir as exigências da produção açucareira e posteriormente do álcool. Essa região se subdivide em duas microrregiões, a Mata Norte e a Mata Sul (Silva, 2010).

Figura 01 - Mapa da Zona da Mata de Pernambuco



Fonte: Dossiê de Maracatu de Baque Solto (2013)

Por sua vez, a zona da Mata Norte de Pernambuco, também conhecida como Mata Setentrional ou Zona da Mata Seca, é uma microrregião que engloba atualmente 19 municípios. Sendo uma das primeiras localidades a qual o *plantation* da cana de açúcar se deu de forma predominante e intensa, resultando numa rápida mudança de paisagem.

Essa modificação se deu através em grande parte de queimadas, que também é utilizada no processo de despalhar da cana, visível até os dias atuais na

região, facilitando a colheita conforme apresenta Patrícia Ferreira (2008). Procedimento este nocivo à saúde da população e dos animais.

Ademais, o trabalho realizado de maneira compulsória, através do supracitado processo escravista que perdurou por um longo período. E apesar da promulgação da lei Áurea, observou-se a continuidade de grande parte das atividades laborais exercidas por esses trabalhadores, como pode ser observado atualmente nos engenhos canavieiros da região de acordo com Gian Silva (2013).

Essa inércia se deu devido às ausências de recursos aos ex-escravizados para modificarem sua realidade, em vista da carência daquela população em relação ao seu letramento, moradias, a inserção em outras atividades de trabalho e a falta de uma restituição (Marquese 2006).

Como resultado se evidencia uma correlação entre a situação do trabalho executado, pelos trabalhadores braçais, com as vivências atuais no corte de cana, que permanece precário e esgotante. Seja através da baixa remuneração oferecida, às condições exaustivas, a relação sazonal do plantio e colheita e a sua intrínseca relação com as camadas pobres e negras da sociedade (Medeiros, 2003).

Segundo Paulo Paranhos (2006), essa nova configuração social, provocou grandes transformações no contexto estrutural desta localidade e das populações que ali habitavam, infringindo mudanças que alteraram as vivências e as práticas culturais dos povos nativos que ali viviam e que arrastaram aos hábitos de seus descendentes.

4. A HISTÓRIA E AS PRÁTICAS DO MARACATU DE BAQUE SOLTO

Para o presente estudo evidenciamos o conceito estabelecido por Kalina Vanderlei e Maciel Henrique, no qual afirma que:

Cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. (Araújo; Moura; Santos, 2021, p.85).

Tendo estabelecido tal concepção, observa-se este elemento enquanto central nas relações sociais, reformulando em seus diversos contextos de acordo com as trocas estabelecidas. Ocorrendo assim por meio das influências sócias

históricas ocorridas na Zona da Mata. Favorecendo, para tanto, o surgimento de diversas manifestações culturais ao longo do tempo, em especial no decorrer do século XIX, como afirmado por Beatriz Brusantini (2009).

Essas manifestações populares, como por exemplo: as brincadeiras de mamulengo, caboclinho, cavalo marinho, ciranda, o coco de roda, maracatu de baque solto entre outras, surgiram como contraponto à exploração vivenciada por esses indivíduos em seu contexto social (Araújo; Moura; Santos, 2021).

Os saberes populares têm como sua ambientação principal a periferia e os terreiros⁴. Localidades a qual foi possível ocupar e resguardar a si, de uma ótica que busca silenciar, segregar e apagar todas as experiências diferentes daquelas ditas enquanto oficiais, como afirmado por Sidnei Nogueira (2020).

Dentre essas atividades, o Maracatu se destaca enquanto um dos símbolos principais presentes na cultura do estado, sendo reconhecido nacional e internacionalmente. Essa prática é demarcada por diversos momentos de celebrações como as sambadas, as comemorações internas das agremiações, os ensaios e tem o seu ápice durante o período de carnaval, momento no qual sai às ruas, preenchendo os ambientes de cores e sons.

Nesse sentido, faz-se necessário entender que há distinções das atividades exercidas pelo maracatu de baque virado e o maracatu de baque solto, sendo estas vistas e analisadas pelo historiador Guerra Peixe (2005), assim verificando suas especificidades e distinções.

O maracatu de baque virado tem sua origem na cidade do Recife, sendo sua atividade ligada às coroações de reis do Congo, de acordo com o historiador Guerra Peixe (2005). Esse folguedo apresenta como principais elementos musicais o bombo, alfaias e a zabumba, tendo como representantes centrais o Maracatu Elefante, de Dona Santa (1877 - 1962) e o Maracatu Leão Coroado, do Luís de França (1901 - 1997).

O Maracatu de baque solto é uma atividade cultural que recebeu, no vocabulário de seus idealizadores, um extenso glossário como: o próprio baque solto, maracatu de baque singelo, baque de orquestra, maracatu de trombone ou

⁴ Local de terra batida, sem cobertura, podendo ser um espaço à frente de uma casa, onde são realizadas atividades culturais, como sambadas ou ensaios de grupos de maracatus (Araújo; Moura; Santos, 2021, 43).

maracatu rural, ou ainda por “Bater Mulungu”⁵ pelos mais velhos, segundo Araújo, Moura e Santos (2021).

Ademais, os seus realizadores comumente chamam esta atividade de “brincadeira” ou “folgado”, que se deriva da palavra folgança cujo significado remete ao ato folgar e recuperar-se. Essa ideia relaciona-se ao período no qual os integrantes realizavam os festejos, durante o seu ócio do trabalho no canavial, como afirma Roseana Medeiros (2003).

A institucionalização do baque solto e outras atividades comuns à comunidade negra e indígena ocorreram após a criação da Federação Carnavalesca de Pernambuco em 1934. Instituição que tinha por objetivo adequar as populações dos maracatus e outros folguedos aos interesses do governo, destacando que:

As elites locais precisavam ter o controle sobre o carnaval, acabar com a violência, precisava livrar a cidade de “perigosos homens negros e pobres”. “Homens e mulheres que dançavam livremente pelas ruas durante o carnaval” (SANTOS, 2010, p.583).

Essa entidade Federativa realizou a concessão de verbas aos grupos, possibilitadas também em decorrência da lei nº3346 de 1955, a criação de um concurso que ocorreu até os dias atuais, de acordo com Rosana Santos (2010). Dentro desse processo foram impostas sanções, principalmente aos maracatus rurais, que eram enxergados como inautênticos, uma variante deturpada do maracatu nação. Essa visão fez com que os coletivos de baque solto tivessem que se reformular para se adequarem às normas estabelecidas e ter notoriedade, introduzindo assim novos elementos musicais e imagéticos dentro do maracatu, como afirmado por Tamar Vasconcelos (2016).

Ademais essa violência realizada contra maracatus rurais perpassou diversas camadas, sendo reproduzida pelas pela imprensa, como destacado por Katarina real (1990), ao abordar o jornal Diário da Noite em 11 de janeiro de 1966:

É simplesmente lastimável a apresentação destes maracatus descaracterizados que todos os anos aparecem no carnaval. Melhor seria que esses conjuntos fossem classificados como tais, pois maracatu com orquestra, flautas e pífono, com uma praga de “tuchaus” carregando nas traseiras aquela lataria pode ser tudo menos “nação africana” (REAL, 1990, p.82).

⁵ Termo utilizado pelos mais velhos, remetendo à percussão esculpida a partir de um tronco da árvore *Erythrina mulungu*. (Ferron, 2010, p.03)

Desse modo as imposições postas pela federação carnavalesca e as críticas sofridas pela imprensa e outras entidades, que viam o maracatu rural como uma atividade inferior ao maracatu de baque virado, forma centrais na inserção de elementos vistos atualmente em ambos os folguedos e mudanças modificação de grupos que passaram a se intitularem como nação, como é o caso do Maracatu Indiano de acordo com Rosana Santos (2010).

5. O CORTEJO DO MARACATU DE BAQUE SOLTO

O atual cortejo⁶ do maracatu de baque solto é composto por figuras, que exercem funções específicas dentro do folguedo, apresentando características e vestes singulares, que ao longo do tempo se modificou adicionando personagens e instrumentos à brincadeira.

As figuras que fazem a abertura do Cortejo, ou personagens melados de graxa são: O “Mateu” que tem o objetivo de abrir caminhos, caso empecilhos, atrapalhem o maracatu, utiliza um chapéu cônico enfeitado por fitas coloridas e um pequeno surrão, antigamente fazia-se o uso de uma bexiga de porco, de acordo com Tamar Vasconcelos (2016).

A Catirina ou Catita, normalmente realizada por um homem, tem a função de avisar sobre a chegada do maracatu, abrindo espaço para as atividades do grupo. Durante muito tempo, roubava alimentos para os integrantes e ficava responsável pela arrecadação de dinheiro. Sua figura, assim como a Mateu, é vista também em outras brincadeiras como Cavalo-Marinho (Vasconcelos, 2016).

A personagem Burra é uma figura, em sua maioria das vezes, realizada por homens, utiliza um chicote, a estalar, por onde passa fazendo com que quem esteja próxima saia de seu caminho. Essa figura, em seu passado, também era responsável por avisar da chegada do maracatu, quando estes tinham que percorrer os engenhos até chegar a seus locais de apresentação (Vasconcelos, 2016).

O centro do cortejo é conhecido como miolo e conta com a participação do porta estandarte, que fica a encargo de carregar a bandeira do brinquedo, adornada com flores de cravos em suas pontas, contendo o nome, a data de criação e o

⁶ Comitiva de pessoas que seguem caminhando em conjunto durante a realização da brincadeira (DICIONÁRIO online de Português, 2019).

símbolo de cada grupo. De acordo com Ivanildo Lima (2005), antigamente esse indivíduo tinha que ser rápido e astuto, para que o símbolo do maracatu não fosse roubado por outros grupos.

No miolo⁷ também estão presentes o rei e a rainha, personagens que fazem parte da corte, juntamente com dama do paço e o responsável por carregar o guarda-sol para proteger a realeza. A inserção dessas figuras se deu através da Federação Carnavalesca, entidade criada com a função de se responsabilizar pelo carnaval, sendo o maracatu de baque solto obrigado a inserir esses sujeitos, típicos do maracatu nação, para poder estar presente no carnaval de Recife e receber apoio financeiro, segundo o Dossiê de baques solto (2013).

Figura 02 - Rei e Rainha do Maracatu Águia Misteriosa de Nazaré da Mata



Fonte: Lianderson Santos (2023).

As baianas utilizam vestidos longos e armados, lenço ou chapéu na cabeça e carregam em suas mãos o animal ou objeto que é o símbolo do maracatu. Em seu contexto inicial essas figuras eram realizadas apenas por homens, posteriormente sendo incluídas mulheres. A dama do paço tem a função de carregar o elemento sagrado, a calunga. É uma boneca preta que é carregada com intuito de proteger o

⁷ O termo “miolo” é um termo utilizado no Maracatu-Rural para se referir se refere ao centro do cortejo.

maracatu, cujas vestimentas devem ser idênticas às da sua dona, de acordo com Vasconcelos (2016).

Figura 03 - Baianas do Maracatu Águia Misteriosa de Nazaré da Mata.



Fonte: Lianderson Santos (2023).

O caboclo de lança envolve todo o maracatu, carrega consigo a cabeleira ou chapéu, um surrão, a gola, um cravo na boca e uma guiada, que em alguns casos pode chegar até quase 3 metros, com a ponta vermelha, ligada ao seu passado de brigas entre grupos entre grupos. Sendo a figura de maior visibilidade do maracatu de baque solto e quem protege todo o folguedo, de acordo com Jornal do Comércio (2018).

Figura 04 - Caboclos de lança do Maracatu Estrela Brilhante de Nazaré da Mata.



Fonte: Lianderson Santos (2023).

O Arreiamá, também conhecido como “caboclo de pena” ou *Taxaua*, é o protetor das baianas, dama do paço e da corte real. É a representação dos indígenas na brincadeira, utilizando em sua cabeça um cocar de penas, de acordo com Tamar Vasconcelos(2016).

Figura 05 - Arreiamá do Maracatu Estrela Brilhante de Nazaré da Mata.



Fonte: Lianderson Santos (2023).

As figuras atrás do cortejo são: O mestre e o contramestre. São responsáveis por reger o maracatu através das loas, versos improvisados, do apito e da bengala,

instrumento de caráter religioso, sendo esta de uso apenas do mestre, segundo Roberta Pereira (2016).

O terno responsável pela parte musical do evento formado por instrumentos como a porca, o surdo, o tarol, o gonguê e a ganzá, sendo posteriormente adicionados outros instrumentos como o trombone, trompete, piston e saxofone, no entanto nem todos os grupos apresentam esses elementos.

Em seu contexto inicial, os personagens do maracatu, sendo eles femininos ou masculinos, eram interpretados apenas por homens. As mulheres participavam exclusivamente de forma indireta, através das confecções de roupas e funções religiosas. Entre as justificativas desenvolvidas para essa proibição da participação direta era a violência dentro da atividade, “esta festa, que hoje é de brilho e cores, se transformava em grandes batalhas” (Vasconcelo, 2016, 43). Outra forma de justificar a ausência de mulheres nesses espaços é a sinalização de que elas não suportam as dificuldades dos homens na realização do folguedo.

Na história do folguedo em Pernambuco, as mulheres foram posicionadas como sujeitos não dotados de uma masculinidade necessária para suportar o cansaço e o peso das indumentárias e, por isso, foram excluídas dos grupos durante muito tempo” (Vasconcelos, 2014, p.44-45)

Segundo Fábio Ferron (2010) a introdução das mulheres no maracatu de baque solto se deu através do Maracatu Leão das Flores de Itaquitinga nos anos 60. A posteriori observa-se a evolução das práticas culturais desse brinquedo em diversas áreas, inclusive em relação ao gênero, sendo possível encontrar atualmente um grupo de Baque Solto composto unicamente por figuras femininas Maracatu Coração Nazareno, da cidade de Nazaré da Mata.

5. O CRESCIMENTO DE MARACATUS NO MUNICÍPIO DE NAZARÉ DA MATA-PE (2001 - 2011)

A cidade de Nazaré da Mata teve a sua fundação através da sesmaria Lagoa d’Antas, localidade cedida aos colonos ou cultivadores, entregue a Manuel Bezerra Cunha em 1581, segundo Aderilton Hilton (2016). O seu povoamento teve início no começo do século XVIII, em uma propriedade onde foi edificada uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição de Nazaré, originando assim o nome da cidade “Nasareth”.

A utilização de mão de obra cativa se deu nesta localidade, assim como em toda a Zona da Mata, sendo posteriormente substituída pelo trabalho mal remunerado, que é empregado até os dias atuais, se dando de forma sazonal e extensiva através de longas horas no corte da cana de açúcar (Silva, 2013).

No entanto, é no seio do canavial que se vislumbra o nascimento de um dos folguedos mais distintos de Pernambuco, o maracatu de baque solto, que nasce enquanto uma fuga da árdua existência. Essa característica mostra um contraste tão marcante que se apresenta quase como uma dupla personalidade daqueles que a fazem. Por um lado, a do indivíduo frente às dificuldades, através do qual alimenta a si e a sua família; e o festivo, ao qual através do brinquedo realiza a atividade com caráter político, de acordo com Araújo, Moura e Santos (2021).

As primeiras menções desta atividade remontam entre o final do século XIX e início do XX, na Zona da Mata Norte, tendo sua origem marcada pela população que trabalhava no meio rural e que ainda nos dias atuais representa grande parcela destas pessoas, de acordo com o Dossiê de Maracatu de Baque Solto produzido pelo IPHAN (2013).

Essa sociedade a qual se observa o emergir dessa atividade, tem demarcado de forma clara posições de poder sociais, ocupadas pelos que realizam a prática do brinquedo e aqueles que comandam as atividades agrárias na região.

A utilização desse aparato artístico de forma a demandar modificações sociais e estruturais, acarreta a caracterização deste folguedo enquanto arma política, feita a partir do chocalho dos brincantes. Possibilitando que esses hábitos se constituíssem como instrumento de resistência frente a um sistema opressor, evidenciando assim que “[...] os trabalhadores da cana se utilizam de manifestações criadas pelas classes subalternas para expressarem um protesto a uma situação de opressão” (Santos, 2012, p. 326).

Coadunando com o pensamento do filósofo Karl Marx a respeito da função da cultura popular enquanto símbolo de resistência de uma classe a um processo de soberania, traz como essencial a utilização desses conhecimentos como uma prática para a luta desses indivíduos. Essa atividade é entendida através de sua teoria de luta de classes, a qual a sociedade é dividida em duas grandes classes. A burguesia, que detém os meios de produção e o proletariado que vende sua força de trabalho. A partir dessa concepção a modificação dessa realidade apenas seria possível através de conhecimentos da classe trabalhadora.

Ademais, Antônio Gramsci (1998) atribui grande importância da cultura no processo de transformação social, enxergando o conhecimento popular enquanto um bem que deve ser difundido. Essa ideia busca confrontar o pensamento de que exclusivamente o proletariado é considerado um produtor cultural, buscando afirmar essa praxe por meio de formações intelectuais. Nesse entendimento essa classe dominante consegue impor seus valores através não apenas da economia e política, mas também da cultura.

A partir de uma concepção Gramsciana todos os conhecimentos são valiosos, entende-se então que as classes subalternizadas não seriam apenas consumidoras, mas também produtoras. Assim como aponta Roseana Medeiros, “todos os homens são filósofos, todos os homens são intelectuais e todos os homens são cultos porque, diante da adversidade do cotidiano, produzem soluções práticas” (2003, p.28).

Nesse contexto, o maracatu de baque solto se inseriu numa perspectiva de potência em sua produção cultural, sendo uma escola de formação a partir das experiências dos terreiros e dos mais velhos, educando e mantendo seu viés de longevidade. Sob este prisma, o repasse de uma cultura oriunda da classe popular é de suma importância para a manutenção e perpetuação da brincadeira. Como resultado, observa-se o surgimento de lugares de produção de saberes considerados pela elite como subalternos.

Por conseguinte, o município Nazareno destaca-se pelo seu quantitativo de grupos presentes, são ao todo 17 maracatus em atuação (Nascimento, 2016), tanto na área urbana quanto na rural. Esse montante torna a região como o município da Mata Norte com o maior número de maracatus. Tendo entre esses o maracatu de baque solto mais antigo, o Maracatu de Baque Solto Cambindinha de Araçoiaba, criado em 1914, e o mais antigo em atividade, o Cambinda Brasileira, em 1918, de acordo com o Jornal do Comércio (2014).

Na tabela 01 estão listados os maracatus atuantes em Nazaré da Mata e datas de suas fundações. A sua construção teve como base o processo de pesquisa oral com brincantes e realizadores do maracatu de baque solto da Zona da Mata Norte de Pernambuco, sendo estes: Barachinha, atual mestre do Maracatu Estrela Dourada da cidade de Buenos Aires, Mestre Bi; Mestre do Maracatu Estrela Brilhante; Vicente Manuel, presidente do Maracatu Águia Misteriosa; Marília

Gabriela, presidente do Maracatu Leão de Ouro e Marlon Marcelo, vice-presidente e brincadeira do mesmo Maracatu.

Tabela 01: Maracatus em atividade na cidade de Nazaré da Mata

NOME	CRIAÇÃO
Maracatu Cambinda Brasileira	05/01/1918
Maracatu Leão Misterioso	01/08/1990
Maracatu Leão Formoso	01/06/1990
Maracatu Águia Misteriosa	03/03/1991
Maracatu Leão de Ouro	16/04/1995
Maracatu Cambinda Nova	23/04/1995
Maracatu Mirim Sonho de Criança	22/08/1997
Maracatu Leão Africano	15/05/1999
Maracatu Estrela Brilhante	01/04/2001
Maracatu Águia de ouro	18/07/2001
Maracatu Coração Nazareno	08/03/2005
Maracatu Leão Faceiro	08/04/2005
Maracatu Águia Dourada	25/03/2008
Maracatu Estrela da Tarde	22/02/2009
Maracatu Leão da Boa Vista	19/05 /2010
Maracatu Leão Tucano	07/05/2011

Fonte: Lianderson Santos (2023).

De acordo com a tabela acima, é possível observar um aumento significativamente rápido no número de maracatus em Nazaré da Mata após o ano de 2001, sendo o maracatu Estrela Brilhante o primeiro entre esses. Dentro deste período foram criados outros brinquedos, no entanto, encontram-se inativos ou inexistentes, a exemplo do Maracatu Leão Cultural criado em 2009, que já não mais se encontra em exercício.

Esse acréscimo no número de maracatus só foi possível devido a eventos que ocorreram anteriormente e convergiram num ambiente propício para aumento desses grupos, além das perspectivas de cisões internas dentro das agremiações.

O primeiro foi a criação da Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS) no ano de 1989, no município de Aliança, por Manoel Salustiano (1945-2008), junto com a prefeitura da cidade, de acordo com Araújo, Moura e Santos (2021). Tendo a função de resguardar as identidades dos brinquedos e diminuir a rivalidade existente entre os grupos, que até então eram frequentes, na qual em casos mais graves ocorriam até mesmo a morte de folgazões. A exemplo deste existe o Cruzeiro das Bringas, engenho localizado em Tracunhaém, que abriga um cemitério no qual, segundo relatos orais, se davam reuniões e cruzamentos de bandeiras de maracatus que terminavam no óbito brincantes, segundo o Dossiê de Maracatu de Baque Solto do IPHAN (2013).

A associação, enquanto presidida por Manuel Salustiano, realizou consultorias para mapear os maracatus existentes, observando e estimulando a necessidade de criação das entidades, de CNPJ e o pagamento de impostos e IPTU, para a formalização. Resultando na adesão de 42 maracatus à instituição (IPHAN, 2013).

Na gestão de seu filho, Manoelzinho Salustiano, houve um aumento considerável na aderência dos maracatus à associação, constando atualmente 106 grupos, dando continuidade ao legado de seu pai, de acordo com Araújo, Moura e Santos (2021).

A criação de encontros de maracatus nas cidades de Nazaré da Mata, Aliança e Olinda também constituem um importante elemento para alavancar o número de agremiações, ao qual através de incentivos da AMBS, das prefeituras e do governo do estado foram oferecidos prêmios aos participantes de acordo com a colocação dentro de cada grupo.

Nesse período, a cidade de Nazaré da Mata recebeu diversos grupos de maracatus, tornando-se palco da cultura na Mata Norte, atraindo turistas e transformando-se em centro econômico do município, principalmente durante o carnaval, de acordo com o Dossiê de maracatus de baque solto do IPHAN (2013).



Fonte: G1, 2016. Acesso em: 20 jun. 2023.
Disponível em: <https://shre.ink/26ot>

As reuniões desses grupos eram realizadas na segunda-feira de carnaval, durante muitos anos na Praça da Catedral, João XXIII, realizado em frente à matriz da cidade, ocorrendo a partir do ano de 2023 a passagem para o parque dos lanceiros, às margens da BR 408, sendo este um local de grande visibilidade, conhecido como “Maracanã dos Maracatus”, visto que recebe inúmeras atrações de folguedos. Ademais há também um destaque a sua apreciação pelo caráter imagético desses brinquedos dentro da cidade de Nazaré da Mata, estando presentes em pinturas, praças e monumentos que fazem referência ao maracatu, segundo o Dossiê de maracatus de baque solto do IPHAN (2013).

Figura 07 - Parque dos lanceiros.



Fonte: Lianderson Santos (2023).

A realização dessas atividades festivas faz parte das vivências desses grupos, sendo assim “Para os folgazões, a coletividade da festa constitui um espaço de sociabilidade, de trocas de afetos, preservação de valores e reafirmação de identidades” (Araújo; Moura; Santos, 2021, p. 41).

Essas atividades têm também como um dos seus objetivos a inserção de novatos dentro do brinquedo, realizando seus “treinamentos” como folgazões nas típicas sambadas. Nesses eventos não são utilizados os ornamentos do maracatu de baque solto, normalmente manuseando apenas uma madeira, como se fosse à guisa do caboclo de lança Brusantim, 2009)

Figura 08 - Comemoração do acesso ao grupo ao especial no concurso do Recife do Maracatu Estrela Brilhante de Nazaré da Mata.



Fonte: Lianderson Santos (2023).

A patrimonialização de elementos culturais é um processo que busca proteger atributos materiais e imateriais de um grupo social, representando assim sua memória coletiva. O historiador Dominique Poulot (2009) considera a maneira que a comunidade relembra e preserva o bem, físico ou intangível como uma atividade central nessa atuação.

De tal maneira falar de um patrimônio é referenciar também a comunidade a qual este está inscrito, sendo estes elementos indissociáveis. A ressemantização da ideia de patrimônio ao longo do tempo permitiu que fossem incluídos outros

conhecimentos a essa atuação, como componentes artísticos produzidos por uma população.

O processo de inserção do patrimônio imaterial torna-se possível a partir do decreto 3.551 de 2000, que criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), com o intuito de proteger os modos de se fazer e os conhecimentos de povos, entendido enquanto saberes da diferença pela UNESCO, demarcando assim a diversidade cultural existente.

A compreensão de que esses elementos singulares são significativos para a identidade e história de um povo foi um ponto importante para o processo de manutenção institucionalizada, reconhecendo assim sua efetividade no campo social, destacando sua importância para os indivíduos ao seu entorno (Santana, 2023).

São nesses terreiros que se realizam outras formas de saberes, invalidados pelas instituições educacionais tradicionais durante muito tempo, o saber popular, conhecimento realizado através das vivências diárias daqueles que a fazem (Araújo; Moura; Santos, 2021). Souza Santos (2009) destaca essas experiências voltadas às relações e das práticas sociais, como epistemologias do Sul, sendo uma pedagogia produzida e efetivada por aqueles que discordam de um pensamento hegemônico.

Essas características únicas dessa localidade fizeram com que ocorresse a patrimonialização imaterial de Nazaré da Mata através da lei ordinária municipal nº14.383 de 06 de setembro do ano de 2011, dando título à cidade de “Capital Estadual do Maracatu”, Transformando-a como polo central do maracatu de Baque Solto.

Esse processo se deu através de um projeto de lei do deputado Mavíael Cavalcante, ao qual destaca que:

O Maracatu Rural significa para seus integrantes, uma herança secular, motivo de orgulho e admiração. Formado por trabalhadores rurais que com as mesmas mãos que cortam cana, lavram a terra, bordam golas de caboclo, cortam fantasias, enfeitam guiadas, relhos e chapéus dedicando-se ao bem mais valioso que possuem: a cultura. Considerada a Terra do Maracatu e assim conhecida no Brasil e no Exterior, Nazaré da Mata promove todos os anos, na segunda-feira de Carnaval o encontro de Maracatus [...] (Alepe, 2011).

Sancionada pelo Governador Eduardo Henrique Accioly Campos, o projeto de lei visa salvaguardar a cultura do maracatu na cidade de Nazaré da Mata,

na qual é destacado o tradicional encontro de maracatus como sendo um ponto central de manutenção dessa cultura na região.

Numa visão Freiriana é a partir dessas experiências de mundo que há a produção de um processo educacional, que evidencia o papel da educação “[...] qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade tão radical dos seres humanos, a da sua expressividade” (Freire, 2006, p.27).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maracatu de baque solto é uma das atividades culturais mais antigas da região da Mata Norte no estado de Pernambuco, marcado por sua população ligada ao sistema canavieiro. Essa gente se reinventa da labuta diária que demanda este trabalho braçal, através de sons, danças, ritmos e cores que se instauraram como símbolo cultural do estado de Pernambuco. Dentro do baque solto, a memória e identificação são as ideias chave para perpetuação das identidades exercidas pelos folgazões. Afirmando assim que:

[...] a construção do conhecimento crítico e a sua apropriação consciente pelas comunidades, onde determinados bens culturais estão inseridos, são fatores indispensáveis para o processo de preservação sustentável desse patrimônio. (Santana, 2020, p.230)

A centralidade adquirida do maracatu é um importante transmissor de saberes, como conhecimento crítico, histórico e político a essa população, sendo fundamental na educação desses indivíduos. Esses indivíduos também são responsáveis pela manutenção dessa atividade, incentivando e ensinando aos mais jovens suas práticas, fazendo assim com que o brinquedo se mantenha vivo para que as futuras gerações possam desfrutar de suas práticas culturais.

Figura 09: Caboclos de lança do Maracatu Estrela Brilhante



Fonte: Lianderson Santos (2023).

Durante o período de 2001 a 2011 foi possível observar um maior número de maracatus incentivados por fatores externos e internos de Nazaré da Mata, os maracatus rurais foram se organizando e se adequando às novas realidades e tempos, desde como a diminuição no número de brigas, por influência da criação da AMBS, a compreensão sobre a importância do reconhecimento legal do brinquedo. Iniciativas essas que permitiram sua inserção em políticas de valorização da cultura, além do teor imagético presentes na cidade através de intervenções artísticas e monumentos que representassem a cultura do caboclo de lança.

É importante também considerar que as imposições estabelecidas pela Federação Carnavalesca de Pernambuco levaram a adesão de elementos que não eram típicos ao maracatu de baque solto, ocasionando um processo de reconfiguração. Essas figuras no decorrer do tempo foram ressignificadas e se fazem comuns tanto aos maracatus nação e como rural.

O crescimento no quantitativo numérico dos maracatus também foi uma das características que influenciou o recebimento do título a cidade de “Capital Estadual do Maracatu”, dando assim reconhecimento e visibilidade à cidade pelos seus maracatus e tornando-se reduto de diversos folguedos durante o período de carnaval e em outras épocas do ano.

No entanto, ainda se faz necessário práticas que busquem cada vez mais incentivar as atividades desses grupos de maracatus, principalmente no que concerne a ações que se realizem para além do período de carnaval.

No que refere à esfera acadêmica é importante que as instituições educacionais valorizem e incluam em seus currículos estes saberes populares, como também com incentivos financeiros do setor serviço público e privado. Garantindo assim que esse patrimônio permaneça presente e ativo na vida de sua população.

REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João, 1649 ou 50-1716. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. Ed. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982. Edição fac- similar.

ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Mario Ribeiro dos. et org. **Manoelzinho Salustiano: histórias de um mestre de terreiro**. Recife, Universidade de Pernambuco-UPE, 2021.

BEZERRA, Cristina Simões et al. A construção da concepção de cultura em Antônio Gramsci: uma análise da produção pré-cárcere. **Jornada internacional de estudos e pesquisas em Antonio Gramsci**, v. 1, p. 1-15, 2016. Disponível em: <http://www.ggramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads/2017/06/A-CONSTRUO-D-A-CONCEP-O-DE-CULTURA-EM-ANTONIO-GRAMSCI-UMA-ANLISE-DA-PR-ODU-O-PR-C-RCERE.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BRUSANTIM, Beatriz. **Bora pro samba!** Visões sobre as 'tradições culturais' dos trabalhadores rurais dos engenhos de açúcar da zona da mata norte de-Pernambuco do final do século XIX e XX. Fortaleza, ANPUH, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_9bed99adeb5cdfacbaa4afc3638a43ff.pdf. Acesso em 20 de jul. 2023.

CORTEJO. *In*: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cortejo/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Autêntica, 2018.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4 ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340.

FERREIRA, Laurentino. BORGES, Maria Luiza. **Cambinda do Cumbe**: brinquedo centenário, **Jornal do Comércio**, 05 de jan de 2018. Disponível em: <https://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/maracatucambinda/festa/>. Acesso em 16 jul. 2023.

FERREIRA, Patrícia Borges; Vital, Tales Wanderley; LIMA, José Ferreira. **O Manejo da lavoura canavieira na zona da Mata Norte de Pernambuco**. Rio Branco – Acre, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 46º congresso, July 20-23, 2008. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/96282>. Acesso em 07 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural: Para a liberdade e outros escritos**. Editora Paz e terra, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. São Paulo, Global, 2004.

GALVÃO, Helena Rafaela Magalhães. **Pequenos brincantes: o maracatu rural nasce, cresce, se reproduz, mas nunca morre**. Caruaru: O Autor, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31385>. Acesso em: 10 jun. 2023

SILVA, G.C.M. A presença de Africanos em Pernambuco: aspectos sobre escravidão, família e sociedade no período colonial? séculos XVI e XIX. **Revista Ultramares**, v. 1, p. 10-33, 2013.

IPHAN. **Maracatu de Baque Solto**: Patrimônio cultural imaterial do Brasil, Recife, vol.2, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_MARACATU_RURAL.pdf. Acesso em 24 jul. 2023.

Lei Ordinária nº14383, de Setembro de 2011. Leis estaduais, 14 de out. 2020. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pe/lei-ordinaria-n-14383-2011-pernambuco-confere-a-o-municipio-de-nazare-da-mata-o-titulo-de-capital-estadual-do-maracatu>. Acesso em: 07 Jun. de 2023.

LESSA, Aluísio. Proposições. **ALEPE**- Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 17 de ago de 2011. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/proposicao-texto-completo/?docid=E5130DFE053E2AB7032578EF00576D2E&tipoprop=>. Acesso em: 12 ago. 2023.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus Nação**: ressignificando velhas histórias. Recife, Bagaço, 2005.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil**: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. Novos estudos CEBRAP, p. 107-123, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/xB5SjkdK7zXRvRjKRXRfKPh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MEDEIROS, Roseana Borges de. **Maracatu Rural**: luta de classes ou espetáculo? (Um estudo das expressões de resistência, luta e passivização das classes subalternas). 2003. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9771>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MEIRELES, Marina. Nazaré da Mata é a cidade de maior dívida em relação à receita, diz Firjan. **G1**, 29 de Jul. de 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/na/noticia/2016/07/nazare-da-mata-e-cidade-de-maior-divida-em-relacao-receita-diz-firjan.html>. Acesso em: 10 Ago. D 2023.

NASCIMENTO, Aderito Hilton do. **Nazaré da Mata: a sua história, seu povo, a sua cultura**. Recife, Libertas Editora, 2016.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos; FILHO, Vagner Silva Ramos. **Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio**. CE, Fundação Demócrito Rocha, 2020.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 3.ed. 2013

PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil**. Editora Contexto, 1992.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: Massangana, 1990.

SANTANA, Eduardo Augusto de. Educação Cultural e Práticas Pedagógicas: ensino de história por meio da educação para o patrimônio. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EaD e Software**, v. 1, p. 1-6, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17014>. Acesso em 30 mai. 2023.

_____. A pesquisa de campo enquanto instrumento para o ensino de história e a valorização dos bens culturais comunitários. **Escrita da História**. Ano VII, vol. 7, n. 13, jan./jun. p. 222-252, 2020. Disponível em: <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/201>. Acesso em: 04 ago. 2023.

_____. **História da implantação e desenvolvimento da freguesia de São Miguel do Ipojuca entre 1594 - 1780**: contada a partir dos seus engenhos açucareiros. 2014. 190 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/6179>. Acesso em 25 abr. 2023.

SANTOS, Roseana Maria dos. Maracatu de baque solto: Da intervenção ao espetáculo. In: **colóquio de História “FACES DA CULTURA NA HISTÓRIA: 100 ANOS DE LUIZ GONZAGA”** 04 de mai. 2012, Recife. Anais eletrônicos. Recife: UNICAP, 2012. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100007. Acesso em 20 jun. 2023.

SALUSTIANO, Manoel Manuel Salustiano: dirigente do Piaba de Ouro. [Entrevista concedida a] FERRON, Fábio; COHN, Sergio. **Cultura no Brasil**. São Paulo, vol1, 2010. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/20.500.11997/8297/1087%20man%20oelsalustiano.pdf?sequence>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SILVA, Girlan Cândido da. A Representação socioeconômica da cana de açúcar para a região da Zona da Mata de Pernambuco. Goiás, **Revista eletrônica do curso de Geografia**, n.14 jan-jun/2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/revgeoamb.v0i14.26005>> Acesso em 08 mai. 2023.

SILVA, Kakina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, P. R. P e PARANHOS, Paulo. O açúcar no norte fluminense. *Histórica* (São Paulo. Online), São Paulo, v. 08, 2006.

VASCONCELOS, Tamar Alessandra Thalez. **As subjetividades e feminilidades no Coração Nazareno**: um estudo etnográfico em um Maracatu de Baque Solto Feminino de Nazaré da Mata. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27109>> Acesso em 24 jul. 2023.

VERSIANI, Flávio R. et al. **Demografia das populações escravas**: Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002891635>. Acesso em 10 jun. 2023.